

16 de Março de 1974

Pelo Coronel Vasco Lourenço

Não tenho pelo coronel Manuel Bernardo um mínimo de consideração – ele responde-me de igual maneira – mas, ao contrário dele, que está sempre a implicar comigo, não tenho por hábito responder às suas intervenções públicas, por mais aleivosias, invenções, inverdades e mentiras que contenham, onde normalmente me ataca e tenta ofender, como se estivesse a treinar o tiro com setas ao alvo, neste caso, à minha fotografia.

Como no texto que aqui procuro clarificar, até nem me ataca muito, poderá estranhar-se o porquê desta minha atitude.

É que, para além de fazer algumas afirmações deturpadas e falsas que me envolvem, não posso deixar de apoiar o coronel Gonçalves Novo, que poderá não evocar com todos os pormenores o que se passou no 16 de Março de 1974, mas o faz de forma genuína e honesta.

Publiquei na revista da A25A, “O Referencial”, em Maio de 1997, um artigo sobre o 16 de Março, de que junto cópia, onde conto a minha verdade sobre esses acontecimentos.

Já aí referia a tentativa de alguns procurarem deturpar o que se passara.

Pelos vistos não desistiram, continuam e Manuel Bernardo, um desses mistificadores, volta à carga.

Não vou perder muito tempo, mas gostaria de afirmar duas ou três coisas.

Em primeiro lugar, em 5 de Março, em Cascais, não foi nomeada qualquer Comissão do MFA/MOFA.

A estrutura do Movimento fora definida em 5 de Dezembro de 1973, na reunião da Costa da Caparica, com a Direcção do Movimento composta por três membros, sendo eu o responsável pela Ligação e pela Área Operacional.

Em Cascais foi decidido fazer um golpe militar e dado à Direcção e à Comissão Coordenadora (23 membros) o poder para o organizar.

Se depois da minha prisão (sete dias e não apenas um, como ele refere) se constituiu alguma Comissão Militar do tipo da referida por MB, não sei, terá sido uma comissão improvisada, que funcionou com os resultados vistos (profundo falhanço, como tudo em que os spinolistas se meteram...).

Tenha-se presente, aliás, que o Otelo apenas é designado pelo Movimento como responsável operacional na reunião de 24 de Março, em Oeiras, na casa do Candeias Valente. Reunião onde a estrutura do Movimento é reformulada, ficando o Vítor Alves com o pelouro Político e o Otelo com o Operacional. Como costume dizer, “com o Otelo correu bem, comigo falta fazer a prova...”.

A afirmação da constituição dessa comissão é tão hilariante que basta lembrar o abaixo-assinado posto a circular pelos espúrios/spinolistas, para que a mesma caia pela base...

Quanto à afirmação do MB de que “a partir de 10 de Março eu estaria mais envolvido na contestação ao regime do que do que o ‘capitão de Abril’ Vasco Lourenço...”, confesso que há muito não lia uma anedota com tanta piada...!

Aqui, não posso deixar de lembrar um episódio que peço, mais uma vez, o MB esclareça de vez.

Depois do 25 de Abril, quando funcionaram os primeiros Conselhos das Armas, o Conselho da Arma de Infantaria decidiu sanear o major Manuel Bernardo.

Fui então procurado, na minha condição de membro do Conselho da Arma de Infantaria, pelo MB que me transmitiu a sua perplexidade por, ele que assinara o primeiro documento de contestação ao Decreto n.º 353/74, ter sido saneado, Ele que era um militar de Abril!

Tive então oportunidade de o informar de que, na reunião de saneamento, eu defendera o seu não saneamento, precisamente com o argumento de que ele assinara o abaixo-assinado em causa.

Mas acontecia, como então o informei, que não conseguira fazer frente às acusações que no CA lhe fizeram de que ele, MB colocado na Academia Militar, colaborara com a PIDE/DGS e a GNR no cerco a essa escola feito em 16 de Março, de que resultara a prisão de alguns oficiais, nomeadamente de Almeida Bruno. Não os convenci, porque, até devido à minha ausência em Ponta Delgada (para lá partira no dia anterior, 15 de Março), não sabia se as acusações eram verdadeiras ou falsas. MB foi saneado.

Aconselhei-o então, lembro-me muito bem, a contactar os seus acusadores, a demonstrar a inverdade das acusações, garantindo-lhe a minha disponibilidade para que o assunto voltasse a ser discutido no CA.

O facto é que MB não conseguiu convencer ninguém do contrário, o saneamento manteve-se e só porque ficara na situação de suspenso (a aguardar atingir os anos suficientes para poder transitar para a situação de reserva, em que constituía o saneamento) acabou, com a evolução dos acontecimentos, por fazer uma carreira normal até coronel.

Será esse o motivo por que MB tem uma sanha tão forte contra o 25 de Abril?

Será esse o motivo por que me elegeu como alvo preferido dos seus ataques?

Talvez seja altura de nos convencer de que no 16 de Março de 1974 não colaborou com o regime (nomeadamente com a PIDE/DGS e a GNR) no cerco à Academia Militar...

Vasco Lourenço

16 DE MARÇO

Desde 1974 que o *16 de Março*, o chamado *Golpe das Caldas*, é controverso e, de vez em quando, é muito mal contado.

Durante estes anos, e sempre que alguns dos seus intervenientes, ou alguns dos elementos do chamado *grupo spinolista*, ou alguns dos detractores do 25 de Abril, o consideram vantajoso, lá volta a história do 16 de Março à baila, com algumas afirmações e comentários incorrectos e menos verdadeiros e, normalmente, com algumas injustas acusações ao *MFA*. Nomeadamente, a de que no 16 de Março houve traição da parte de alguns elementos do *MFA*, com o claro objectivo de fazer gorar a tentativa de derrube de Marcelo Caetano, com a consequente prisão dos *spinolistas* – os mais honestos militares de Abril, segundo a expressão dos mesmos – e o seu afastamento do *MFA* e do processo, deixando o terreno livre aos *comunistas e seus derivados*...

Se não fosse tão delirante, tão maquiavélico, diria que os acusadores se estavam a olhar ao espelho!...

Nessas acções tem-se distinguido o *Virgílio Varela*, que vem contando a história à sua maneira, colocando-se sempre no centro da mesma e promovendo, directa ou indirectamente, a menorização dos outros (ele, que ficou no quartel, que terá prendido o *comandante*, a quem permitiu a utilização do telefone directo para avisar o Quartel General e promover a resposta ao *RI 5*, até é apontado publicamente como o *comandante da coluna que avançou para Lisboa*...).

Quando alguns tentam reescrever a História, ou escrevê-la à sua maneira, impõe-se dar a conhecer outro lado da história do *16 de Março*. Principalmente, quando se vêm distorcendo os factos e se fazem iníquos ataques à honorabilidade de impolutos militares de Abril. Para que, no mínimo, se possam confrontar dados, acontecimentos, visões e opiniões diversas sobre a matéria em causa. Isto, porque apesar do assunto estar já bem contado, nomeadamente em

Alvorada em Abril, do *Otelo Saraiva de Carvalho*, lá vem, de vez em quando, mais uma tentativa...

Para compreender o *16 de Março*, impõe-se regressar ao início e à natureza do *Movimento dos Capitães*, do *Movimento das Forças Armadas* e de toda a conspiração, que nos levaria ao *25 de Abril*. Desde logo, acentuar a natureza de *total autonomia* que o *Movimento* teve.

Admitindo que a origem de toda a movimentação está na reacção ao *I Congresso dos Combatentes*, onde o *grupo spinolista* tem um papel fundamental, interessa ter presente que, na sequência desses acontecimentos, a influência desse grupo se esvai e quase desaparece. Talvez porque, como então foi afirmado pelo *Eanes*, "*isto não pára mais, pois apareceu o Vasco Lourenço, tomou conta disto e não vai permitir que isto pare*..."

Com efeito, andando nós à procura de respostas à pergunta *como aproveitar esta dinâmica, como organizarmo-nos para dar a volta a isto?*, ao aparecer o

decreto-lei n.º 353/73, houve quem então afirmasse que *ainda havemos de fazer uma estátua ao Sá Viana Rebelo!* Isto, porque de imediato se vislumbrou a

importância fundamental que as suas consequências poderiam ter na mobilização dos jovens oficiais do Quadro Permanente. Seria preciso era saber orientar as suas contestações e aproveitá-las para a libertação dos portugueses e a implantação da democracia. Ainda me estou a ver, numa reunião em minha casa, a discutir com o *Mariz Fernandes*, que preconizava uma organização em células clandestinas, e a afirmar-lhe que *iria organizar a reunião alargada (9 de Setembro, em Alcáçovas), com poucas preocupações de clandestinidade, pois havia que*

aproveitar o facto de um grande número de oficiais estar com dor de barriga...

Lançado o *Movimento dos Capitães*, os spinolistas participam de forma marginal no mesmo e são rapidamente ultrapassados na importância que, porventura, seria legítimo pensar que os mesmos assumiriam. A sua participação é diminuta: recordo-me de uma reunião em casa do *Diniz de Almeida*, onde o *Almeida Bruno* aparece a dizer que *se for preciso falar com o Américo Tomás, eu tenho acesso a ele*, numa atitude que então levantou alguma celeuma e deu origem a que o Bruno, vendo que o *Movimento* não andava à procura de quem o dirigisse ou dele tomasse conta (como então lhe foi dito), não mais aparecesse; como me recordo que outros oficiais, considerados como exponenciais do grupo spinolista, pouco participaram, seja porque entretanto foram mobilizados (*Eanes*), seja porque consideravam que se andava a discutir muito e a perder tempo (quando for preciso pegar numa G-3, chamem-me: *Fabião*).

O facto é que o decreto já referido e as suas alterações constituem, desde o início, o elemento principal que se usou na agitação que nos levaria à consciencialização política. No entanto, e muito naturalmente, verificaram-se fortes divisões entre os beneficiados e os prejudicados profissionalmente, pelas medidas aí preconizadas (todos eles, oficiais do quadro permanente). O que leva à constituição de dois grupos antagónicos, que os beneficiados (ex.-milicianos) vêm a baptizar de *espúrios* (eles próprios) e de *puros* (os oriundos de cadetes, que constituiriam o *Movimento dos capitães*). Situação que não é anulada com a derrota dos primeiros (muito menos e com muito menor importância na instituição militar), consubstanciada na anulação dos decretos e das respectivas medidas e consequências. Situação que, pelo contrário, se agrava com o facto de os *puros*

O decreto já referido e as suas alterações constituem, desde o início, o elemento principal que se usou na agitação que nos levaria à consciencialização política.

Seria preciso era saber orientar as suas contestações e aproveitá-las para a libertação dos portugueses e a implantação da democracia.

(Continuação da página anterior)

aproveitarem e explorarem, muito bem, as desastrosas consequências que resultariam da aplicação dos decretos, no que se refere à qualidade dos cursos da Academia Militar e ao consequente desprestígio da própria Instituição Militar – daí a força que o *Movimento* vem a atingir.

A melhor prova de que as motivações do *Movimento* não eram de natureza sócio-profissional ou corporativa está no facto de, apesar da anulação dos decretos atrás referida, o mesmo ter continuado a sua acção, ultrapassando a previsível desmobilização. E o facto é que nem a tentativa de compra que o Governo protagonizou em Dezembro, com um elevado aumento de vencimentos, surtiu efeitos, tendo continuado a caminhada para a libertação...

Ao contrário, o grupo dos autodenominados *espúrios* nunca deixou de colocar acima de tudo as questões sócio-profissionais. Nesse sentido, em princípios de 1974, e aproveitando o facto de o ajudante de *Spínola* ser um dos seus (*António Ramos*), conseguiu um contacto com o entretanto nomeado Vice Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas e obteve dele o apoio para as suas reivindicações e a promessa de futura resolução dos problemas existentes.

Importa aqui referir que, para o *Movimento*, *Spínola* nunca foi o principal chefe a contactar e a convidar para chefiar o previsível pronunciamento militar. Desde *Óbidos*, em 1 de Dezembro, que ele foi escolhido em 2.º lugar, depois de *Costa Gomes*. Nada tendo ajudado a sua reacção à denúncia que eu e o *Fabião* lhe fizemos, sobre o iminente golpe chefiado por *Kaulza de Arriaga* – a chamada *kaulzada* –, onde nos aconselhou a estarmos atentos ao seu discurso de tomada de posse do cargo de Vice-CEMGFA, previsto para dali a um mês e meio...

A ligação que entretanto se deu entre os *espúrios* e o general *Spínola*, a publicação do livro deste *Portugal e o Futuro* e a aproximação que se dá entre o referido general e o *Movimento* (quer por nossa iniciativa, quer por iniciativa do

homem do monóculo, nomeadamente quando nos pediu para avalizarmos a denúncia da *kaulzada*, junto do general *Silvino Silvério Marques*, que se dizia totalmente alheio à mesma, acção que eu protagonizei no gabinete do próprio Vice-CEMGFA) ajudou a criar condições para uma tentativa de aproximação entre os dois grupos, *puros e espúrios*.

Aproximação que se dá numa reunião, a 3 de Março em casa do *Vitor Alves*, onde não pude comparecer – terá sido uma das poucas reuniões importantes a que faltava, até ali – devido a estar retido na cama, doente. Nessa reunião os *puros* comprometem-se a, no futuro, procurar encontrar uma solução para as reivindicações dos *espúrios* (não

passando tal, como é fácil de perceber, pela aplicação do dec. lei 353/73...). Em consequência, fica decidido que os *espúrios* iriam à próxima grande reunião do *Movimento*, prevista para 5 de Março, e se procurariam integrar no mesmo.

Com efeito, tal como estava previsto, realizou-se a última das grandes reuniões clandestinas do *Movimento* (já entretanto rebaptizado de *MOFA - Movimento dos Oficiais das Forças Armadas* – e mais tarde de novo rebaptizado de *MFA - Movimento das Forças Armadas*), em 5 de Março, em Cascais.

Nessa reunião – sempre dirigida pelo *Movimento*, nomeadamente pela sua Direcção e mais especificamente por mim – vêm à superfície as várias posições que se defendiam e, muito naturalmente, ressaltam as divergências profundas que nos dividiam. As conclusões aí aprovadas não deixam, no entanto, lugar a dúvidas: as posições dos *spinolistas*, e nomeadamente as dos *espúrios*, são claramente vencidas pelas posições defendidas pelo *Movimento*.

Com efeito, *Costa Gomes* volta a ser

escolhido em primeiro lugar (agora com uma percentagem da ordem dos 4 para 1), ainda que nunca isoladamente e sempre na companhia de *Spínola*. O que não impede, quando se discutia a necessidade de elaboração de um programa político, que os *spinolistas*, através do *espúrio Armando Ramos*, ao mesmo tempo que tentam evitar a decisão de elaboração do referido programa político, procurem colocar o seu general em primeiro lugar, passando por cima da escolha já feita, defendendo que *não precisamos de programa político, temos um chefe, ele diz como é e nós vamos atrás dele...* O que, então, motivou a minha pergunta *que chefe?* e o meu esclarecimento, à sua resposta *Spínola*, de que *Costa Gomes* fora escolhido em primeiro lugar...

Tão ou mais importante do que a escolha do(s) chefe(s), seria no entanto a decisão sobre a *necessidade de elaborar e aprovar um programa político e de condicionur a escolha dos chefes à sua aceitação desse mesmo programa*. Como igualmente foi importante o facto de ter sido *ratificada a confiança na Comissão Coordenadora e na Direcção do Movimento (às quais não pertencia qualquer espúrio)* e nelas ser delegada a missão de cumprir o que foi aprovado na reunião. Que incluiu a decisão de *organizar e accionar um golpe militar, para derrube do regime, acompanhado por um programa político* (veio a ser o *Programa do MFA*) que entretanto seria elaborado pela Comissão de Redacção que a Direcção ficou incumbida de nomear (logo ali me virei para o *Melo Antunes* e lhe disse que estava nomeado para presidir a essa comissão).

Saiu-se da reunião de Cascais convencidos e dispostos a avançar, rápida mas seguramente, para a libertação dos portugueses do jugo fascista – colonialista, a implantação da democracia e a resolução da questão colonial!

Tudo se viria a precipitar, no entanto, nos dias que se seguiram.

(Continua na página seguinte)

Nem a tentativa de compra que o Governo protagonizou em Dezembro, com um elevado aumento de vencimentos, surtiu efeitos, tendo continuado a caminhada para a libertação...

Saiu-se da reunião de Cascais convencidos e dispostos a avançar, rápida mas seguramente, para a libertação dos portugueses do jugo fascista – colonialista, a implantação da democracia e a resolução da questão colonial!

(Continuação da página anterior)

Certamente conhecedores do teor das decisões aprovadas em Cascais, os governantes decidiram retaliar o *Movimento* e o Ministro do Exército decide transferir, compulsiva e imediatamente, quatro capitães (permita-se-me um pequeno comentário: ou eles não tinham informações correctas sobre o *Movimento* e, nomeadamente, sobre Cascais, ou continuavam a menosprezar a nossa capacidade...). E, assim, logo no dia 8 de Março (três dias depois...) eu recebo ordem de transferência para *Ponta Delgada*, o *Carlos Clemente* para *Angra do Heroísmo*, o *Antero Ribeiro da Silva* para o *Funchal* e o *David Martelo* para *Bragança* (todos com o embarque marcado para o dia seguinte...).

Confrontado com a situação, o *Movimento* reúne de emergência a sua comissão coordenadora com mais alguns elementos, incluindo oficiais da Marinha e da Força Aérea, e, após uma profunda discussão, decide-se por uma *prova de força* face ao Governo: *vai raptar os capitães transferidos de Lisboa para as Ilhas e impedi-los de embarcar*. Ao mesmo tempo, decide *promover uma grande manifestação, no Terreiro do Paço frente ao Ministério do Exército*, para pressionar o Ministro e levá-lo a alterar a decisão. Durante a discussão, os oficiais da Marinha pressionam para que os deixem contactar o respectivo Ministro, que consideravam *um tipo porreiro*. Solução que, depois de muito discutida, foi aceite e provocou o agravar da situação: acordado, perto das três da manhã, o Ministro ouve, porventura ainda ensonado, a informação / pedido de que *o Ministro do Exército dera ordem de transferência imediata de três capitães, de Lisboa para as Ilhas, o Movimento não iria permitir essa situação, pelo que se solicitava a sua intervenção junto do mesmo, no sentido da anulação do despacho. Ou então o Movimento actuará...*

De certo totalmente acordado e desperto, o Ministro da Marinha contacta de imediato os seus parceiros da Defesa e do Exército e as consequências traduzem-se na *declaração do estado de prevenção rigorosa, situação que se não vivia desde 1961*. Ao serem contactados para comparecerem e permanecerem nas respectivas unidades militares (prevenção

rigorosa...), os oficiais do *Movimento* vêem-se assim impedidos de levar para a frente a manifestação programada. Acção que seria substituída por uma *manifestação* junto dos comandantes das unidades, a quem é *manifestada a solidariedade com os capitães transferidos e a exigência de anulação do despacho ministerial* (ao ser efectivamente praticada em muitas unidades – com a particularidade de, em cada uma delas, o ser feita isoladamente, sem a certeza de nas outras unidades também se estar a realizar – esta acção mostrou duas realidades muito importantes: a grande dimensão do *Movimento* e a enorme determinação dos seus elementos).

Nesse dia à noite, apesar da prevenção rigorosa, a comissão coordenadora reúne alguns dos seus elementos, faz contactos telefónicos com os outros, e decide entregar os dois capitães que efectivamente haviam sido raptados (*Vasco Lourenço e Antero Ribeiro da Silva*). Considerando alcançados objectivos extraordinários – contestação e

enfrentamento públicos ao *poder* – a tarefa é dada ao *Nuno Pinto Soares*, que nesse mesmo dia havia assumido uma posição individual, de *apresentação da demissão de oficial do Exército, por solidariedade para com os transferidos*. Em resultado disso, ficam os três presos na Casa de Reclusão da Trafaria, constituindo-se assim nos primeiros *mártires do Movimento*. O que provocou, muito logicamente, uma grande perturbação entre os seus elementos, que se sentiam obrigados a não aceitar a situação e a reagir em força. Até porque, se o não fizessem, corriam o risco de perder *a força da unidade* que lhes advinha do facto de *confiarem que cada um e todos eles seriam defendidos por cada um e todos eles*, em caso de necessidade...

Numa coisa os governantes acertaram, a minha prisão, mais que a dos outros capitães – ainda que o Pinto Soares também pertencesse à Comissão Coordenadora – constitui um rude golpe

no *Movimento*, devido às minhas responsabilidades e funções: *como um dos três membros da Direcção do Movimento, era o responsável pela Ligação e pela área operacional* (mal comparado e para melhor compreensão, diria que era o responsável pelo *aparelho do partido*). Com as naturais consequências, nos dias e nas acções que se seguiram...

A esta perturbação vem juntar-se a informação de que Marcelo Caetano promovera uma acção de vassalagem, das Forças Armadas para com o Governo, acção de que *Costa Comes e Spínola* se demarcaram, decidindo não comparecer. O que levava Marcelo a ameaçá-los com a demissão e fizera com que *Spínola* sugerisse ao *Movimento* uma manifestação que impedisse aquela jornada de vassalagem.

Basta reler *Alvorada em Abril* do *Otelo*

Basta reler Alvorada em Abril do Otelo para entender bem as diferentes forças que então se movimentaram e perceber como foi possível cair na sublevação do 16 de Março.

para entender bem as diferentes forças que então se movimentaram e perceber como foi possível cair na *sublevação do 16 de Março*.

Com efeito, se tivermos presente o que se passou em

Cascais, se a isso juntarmos o *abaixo assinado* que, à revelia da *Comissão Coordenadora do Movimento*, fora posto a circular depois dessa reunião (onde se pedia apoio explícito a *Spínola* e, em segundo lugar a *Costa Comes* – como nolo conta *Diniz de Almeida em Origens e Evolução do Movimento dos Capitães*), facilmente percebemos a pressão exercida pelos *espúrios*, nomeadamente o *Virgílio Varela*, para que se fizesse rapidamente *qualquer coisa* que impedisse que *Spínola* deixasse de poder resolver-lhes o problema sócio – profissional...

Não quero *puxar dos galões*, mas considero que a minha ausência deixou algum espaço livre, para acções como as que se seguiram...

Uma primeira *ordem de operações*, ou melhor, nem isso chegou a ser, mas apenas um *plano operacional* – feito *em cima do joelho (à revelia da Comissão Coordenadora, ainda que com a participação do Otelo)*, de uma forma

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

totalmente amadora, reunidos em casa do *Casanova Ferreira*, alguns oficiais atiraram, durante uma hora, com objectivos e forças utilizáveis, consoante se iam lembrando, tendo então provocado grande discussão a sugestão do Casanova de se iniciar o golpe com o bombardeamento da *Assembleia Nacional em S. Bento*, com uma bomba de 250 kg. – para um golpe a fazer a 14 de Março, não é aprovada nem pelos pára-quedistas, nem pela Escola Prática de Cavalaria (em reuniões de 11, 12 e 13 de Março). Em nome da eficácia, considerava-se, e bem, que era preferível os presos ficarem mais uns dias *dentro* e que não havia problema com as possíveis demissões dos dois generais...

Isso, se não houvesse quem entrasse em pânico, com a perspectiva de ver o seu *advogado* fora de combate... Com efeito, *Virgílio Varela*, sempre com a mania das grandezas, até ameaça sair sozinho(!), o que leva *Casanova Ferreira*, convencido com a *boutade* (sabia lá o Casanova que o *RI 5* tinha uma predominância de oficiais puros, a que o Varela, como *espúrio*, não conseguiria fazer frente... se fosse o caso...) a pressionar *Otelo* para reverem o *plano operacional*; o *CIOE* de *Lamego* segue na mesma onda, precipita-se e subleva-se contra o comandante da Região Militar do Porto, declarando que um general que havia participado na vergonhosa *brigada do reumático* não era digno de os comandar, para além de não aceitarem a demissão dos dois generais; *Manuel Monge e Casanova Ferreira*, *loucos de entusiasmo e voluntarismo*, insistem na necessidade de avançar rápido (o facto estava consumado, havia já *uma unidade sobre rodas*), *Otelo* não tem força nem capacidade para lhes fazer frente e, em conjunto, tentam recuperar o *plano operacional* rejeitado de véspera. Comigo na prisão, ainda sem as estruturas da *Ligação* refeitas, ao mesmo tempo que aproveitam o *mensageiro Armando Ramos*, que parte para as Caldas para transmitir as informações sobre a situação e as missões da unidade, tentam, desesperada e atabalhoadamente, fazer avançar as diversas unidades. Muito naturalmente, *a Ligação não funcionou, a organização operacional não funcionou e o desastre quase foi total*. Digo *quase*, porque desse *desastre* foi

possível (*vá-se lá saber porque cargas de água o Otelo não foi descoberto e preso(!), o que então até levantou algumas suspeitas...*) tirar importantes ilações, que seriam muito úteis para a acção militar do *25 de Abril*.

Voltemos à *Alvorada em Abril*, relamos o relato pormenorizado do *Otelo* e vejamos como, naquelas condições, era impossível accionar as diversas unidades, em qualquer acção concertada (*a EPI em exercícios de campo; a EPC a lembrar que me dissera que necessitava de, no mínimo, 48 horas –*

tinha as munições em Santa Margarida; a EPA com o pessoal todo de fim de semana...).

No meio de tudo, ainda foi possível alguma acção do *Movimento* (através de iniciativas locais e desgarradas): a companhia do *BC 5* era comandada por um seu capitão e estava na expectativa; a companhia da *EPI* que foi mandada avançar para a zona de Vila Franca de Xira era igualmente comandada por um seu capitão, que à pressa trocara com o que estava previsto comandá-la e estava também na expectativa; dois capitães que integraram a força, que de Santarém avança para as Caldas, são do *Movimento*, levam oito horas a chegar e estavam igualmente na expectativa...

Não gostaram, os militares do *RI 5*, de ver essas forças a obedecer ao Governo, nomeadamente a colaborar no cerco à sua unidade e, de vez em quando, lá vêm afirmações e acusações despropositadas e inaceitáveis, porque falsas e injuriosas. Se lá estivesse, na altura, também não teria gostado. Mas, analisando hoje a questão, que queriam eles, no meio de tanta confusão, tanta descoordenação? Atitudes quixotescas, que certamente deitariam tudo a perder, em termos de futuro? Será que nem a evolução dos acontecimentos os fez pensar de outra forma? Não vêm como tudo seria diferente, se o *Salgueiro Maia* tivesse sido descoberto e preso? Tal como o *Otelo*? Ou ainda há quem defenda

a teoria, posta a circular por *Spínola* e pelos seus homens, de que o *16 de Março* foi uma cabala, provocada pelos comunistas do *Movimento*, para os afastar a eles, *spinolistas, os mais puros e capazes, do golpe vitorioso?*... Nesse caso, deveriam pedir responsabilidades a alguns deles próprios, juntamente com o Casanova Ferreira e o pessoal do *CIOE* ...

É, hoje, claro e patente que a prisão de quase todo o grupo spinolista (eram tão poucos...) nada influenciou o andamento da acção libertadora do *Movimento*.

Mas, dum coisa não duvidemos: se, além dos oficiais do *Movimento* que se envolveram no 16 de Março e, em consequência disso foram presos (importa ter presente que a maioria dos oficiais do *RI 5* era do *Movimento*), tivessem sido apanhados os principais elementos do *Movimento*, nada seria igual ao que se

Se, além dos oficiais do Movimento que se envolveram no 16 de Março e, em consequência disso foram presos (importa ter presente que a maioria dos oficiais do RI 5 era do Movimento), tivessem sido apanhados os principais elementos do Movimento, nada seria igual ao que se passou depois. Não teria havido o 25 de Abril.

passou depois. Não teria havido o *25 de Abril*. E, se apesar do meu *desaparecimento* (para os Açores), foi possível organizar e executar o golpe militar em tão pouco tempo, é porque a nossa organização era, então, já suficientemente forte e consolidada. O que permitiu aos outros dois elementos da *Direcção (Vitor Alves e Otelo)*, bem como aos restantes membros da *Comissão Coordenadora*, organizar e dirigir a acção que, em *25 de Abril*, resultaria de forma exemplar. E, ao contrário do que muitas vozes despeitadas dizem, não foi tão fácil assim, nem foi brincadeira de crianças. Basta olharmos para os vários falhanços anteriores, para o falhanço do 16 de Março e para os falhanços das diversas tentativas de golpe que se seguiram ao 25 de Abril, para facilmente concluirmos que, nessa data memorável, a acção *até nem foi nada má. Nem estava mal planeada, nem foi mal executada. Convenhamos que, pelo contrário, até foi brilhante. Talvez por isso, apareçam*

(Continua na página seguinte)

(Continuação da página anterior)

estórias sobre a paternidade do que, efectivamente, o Otelo fez.

Mas voltando ao **16 de Março**: perante a precipitação dos acontecimentos, como reagiram os oficiais do **Movimento, do RI 5?**

Confrontados com a informação que lhes é transmitida pelo **Armando Ramos (espúrio)**, duvidosos ainda do resultado da integração dos **espúrios no Movimento** e das verdadeiras intenções dos mesmos, que fazer perante a situação, onde quem aparecia a **dominar** a situação eram precisamente os elementos que eles, ainda há poucos dias, olhavam com grande desconfiança? Muito naturalmente, desconfiaram, duvidaram e não alinharam à primeira. Pressionados, pelos acontecimentos e pela euforia dos **espúrios**, com a **Ligação** a não funcionar, decidiram avançar e participar. E fazem-no de forma decisiva, pois, além de em maior número, a companhia que saiu em direcção a Lisboa era comandada por um **puro**, o capitão **Piedade Faria**. Ao fim e ao cabo, estava-se a caminho daquilo que se andava a preparar há alguns meses... **tal como o Otelo, não conseguiram vencer a impetuosidade e mesmo o oportunismo de uns quantos...**

Não se pode, hoje, é tentar contar a história ao contrário! Nenhum deles hesitou, no que se refere aos **princípios, aos valores do Movimento**. Pelo contrário, ainda que duvidosos do que se estava a passar, tudo arriscaram, em prol dos compromissos que haviam assumido para com o **Movimento**. Tal como não houve traições, nem existem factos obscuros por contar! Pelo menos da nossa parte! Se outros os têm, como de vez em quando dizem ter, é bom, é fundamental que os tornem, desde já, do conhecimento público! Acabemos é com tentativas de **chantagem(?)**, que de tão chochas já cheiram mal! Não se

pode admitir que, a coberto de compromissos, que se diz terem sido feitos (por quem(?), com quem(?), nada se adianta...) se construam e mantenham **segredos**

Não se pode admitir que ... se construam e mantenham segredos que dão cobertura a miseráveis acusações, como as que ainda há pouco se fizeram ao Salgueiro Maia e ao Otelo.

que dão cobertura a miseráveis acusações, como as que ainda há pouco se fizeram **ao Salgueiro Maia e ao Otelo**. Parece-me que o melhor é, sem dúvida, acabar com todos os **segredos... ou ainda nos arriscamos a descobrir que, afinal, quem forneceu os planos para a ordem de operações foi o Marcelo Caetano, no encontro que parece ter tido com elementos do Movimento, à revelia da sua Direcção e Comissã o Coordenadora!!!...**

Esse pode ser outro filme, um filme dos que **pretenderam fazer um golpe para impôr um projecto de poder pessoal, mais ou menos norteado por razões de natureza sócio-profissional!**

A esse filme dissemos, **nós os elementos do Movimento, NÃO!**

Como o reafirmámos, **Não**, por várias vezes, quando, não desistindo, **Spínola** e os seus homens tentaram executar o tal projecto de poder pessoal: **noite de 25 de Abril, quando, com tudo resolvido, Spínola tenta anular a existência do Programa do MFA; 13 de Junho na Manutenção Militar, naquilo que daria início ao chamado Golpe Palma Carlos; cinco ameaças de renúncia de Spínola, depois desses acontecimentos; 28 de Setembro, com a chamada maioria silenciosa, que o leva efectivamente à resignação de Presidente da República; 11 de Março, que o leva à fuga e ao exílio.**

Seja-me permitido, aqui e agora, falar em nome do **Movimento e dos seus elementos**: Passados 23 anos, não nos move qualquer intenção de reeditar polémicas, não pretendemos armar em **purros**, por muita honra que esse epíteto, que nos foi colocado pelos autodenominados **espúrios**, nos

mereça. Todos, e cada um (**purros e espúrios**), tivemos o nosso papel. Uns melhores, outros piores, uns mais desinteressados, outros mais calculistas, todos fizemos o melhor que soubemos, pudemos ou nos deixaram fazer...

O 25 de Abril foi certamente o resultado da acção de muitos, não só dos militares do Movimento – dos Capitães, MOFA, MFA – mas também de muitos outros cidadãos que, através da sua luta, criaram condições que aqueles souberam aproveitar. Estando, porventura, aí o seu maior mérito.

O **25 de Abril** foi certamente o resultado da acção de muitos, não só dos militares do **Movimento – dos Capitães, MOFA, MFA** – mas também de muitos outros cidadãos que, através da sua luta, criaram condições que aqueles souberam aproveitar. Estando,

porventura, aí o seu maior mérito.

O **25 de Abril** é, definitivamente uma das datas principais da História de Portugal. Como seus actores principais, não pretendemos exclusividade e, desde logo, declaramos que ele **não tem dono**. Mas continuamos a ter muito orgulho e muita honra em ter contribuído, de forma decisiva, para que ele se realizasse.

Como a maioria das unidades do Exército – mesmo com o risco de esquecer alguma, recorde **EPI, EPC, EPA, EPE, EPAM, EPT, BC 5, RI 14, RI 10, RE 1, RAP 2, RAP 3, RC 3, CTSC, CIOE, CICA 2, Ccaç 4271 e 4246, RC 6, RI 8, RI 12, RI 13** – deveriam ter no seu estandarte as insígnias da **Ordem da Liberdade**, para que os seus militares se pudessem mirar no orgulho que outros tiveram em, pertencendo a elas, ter colaborado activamente para o fim do fascismo – colonialismo em Portugal e a abertura das portas à **Liberdade e à Democracia**.

Por isso, não podemos permitir que, de vez em quando, alguns tentem lançar dúvidas sobre a natureza da nossa participação. Por nós, tentaremos não nos pôr em **bicos de pés**, mas gostaríamos que outros o não fizessem, e muito menos gostaríamos que não tentassem obscurecer a nossa acção.

Maio 97

Vasco Lourenço